

A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA

Data de aceite: 01/07/2024

Poliane da Silva Almeida

RESUMO: O presente trabalho trata de identificar referências bibliográficas referentes à inclusão de alunos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola/sala de aula, e discutir a disponibilização/ acesso do professor à tais publicações, de forma à subsidiar a rotina escolar, atendendo as necessidades dos alunos e considerando também o bem estar do professor. Deste modo, abordará sobre as leis que tratam da inclusão escolar e a inclusão do aluno autista, é de extrema importância abordar essas leis, pois na realidade escolar a inclusão não acontece como deveria.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Leis. Inclusão. Professores. Socialização.

INTRODUÇÃO

Os autistas eram conhecidos como esquizofrênicos que viviam acometidos ao isolamento social. É somente em 1911, que o psiquiatra austríaco Eugen Brauwler. Inicia estudo na área. Ele é o primeiro a

utilizar a palavra “Autismo”, que deriva do grego “Autos”, que quer dizer: “Voltar-se para si mesmo”. Essa palavra surgiu devido às suas observações com pessoas esquizofrênicas. Mais tarde foram surgindo novas pesquisas com crianças que desde o início de suas vidas já apresentavam isolamento extremo, tinham, portanto, traços diferenciados de outras crianças, pois não gostavam de mudanças na sua rotina, repetiam as falas das pessoas, tinham preferências por objetos inanimados ao invés das pessoas, entre outras características. Por meio do psiquiatra Leo Kanner, que em suas primeiras pesquisas já abordava características do autismo de forma relevante (CUNHA, 2015).

Mas é somente em 1943, que o psiquiatra infantil austríaco Leon Kanner, em meio às suas pesquisas de observação, relacionou essas características das crianças autistas ao comportamento e cuidados que as mães das mesmas lhes dedicavam, e criou o conceito da “mãe geladeira”, referindo ao conceito dessas mães serem frias e pouco afetivas com

suas crianças. Mais tarde, o autor veio a público para retratar-se de tal conceito, tendo em vista que o mesmo gerou muita controvérsia e sofrimento para as famílias (SILVA et al, 2012, p. 112).

Em 1944, o pesquisador austríaco Hans Asperger observou e avaliou o comportamento e as habilidades de 400 crianças e descreveu sobre diversas características como a falta de empatia, pouca ou nenhuma interação social, causando até mesmo, certas dificuldades de fazer amizades, além de hiper foco em alguns assuntos. Em especial destacou coordenação motora bem reduzida ou nenhuma, dificuldades na comunicação e linguagem. Essas observações denominaram mais tarde como “Síndrome de Asperger”, no qual destacava além dos sintomas apresentados, uma “alta habilidade para discorrer sobre um tema minuciosamente” (SILVA et al, 2012, p. 113).

Ano após ano, o então conhecido autismo deixou de ser considerado como forma esquizofrênica e passou a ter reconhecimento diferenciado. Mas, é somente na década de 80, que os estudos científicos ganham destaque e se constroem bases mais sólidas a respeito do assunto. Maior cuidado com o diagnóstico e maiores critérios para se inferir sobre o tema são evidenciados. Há uma distinção entre a esquizofrenia e o quadro autístico, sendo este tratado como um distúrbio do desenvolvimento (SILVA et al, 2012).

O ALUNO AUTISTA E O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área. (SANTOS, 2008, p. 9).

A chegada da criança com autismo na escola regular gera grande preocupação tanto por parte da família quanto da escola. Nesse momento a família e os profissionais da educação se questionam sobre a inclusão dessas crianças, pois a escola necessita de adequações. Para as autoras, Brande e Zanfalice (2012, p. 44), receber alunos com deficiência, mais especificamente com transtornos invasivos do desenvolvimento, é um desafio que as escolas enfrentam diariamente, pois pressupõe utilizar de adequações ambientais, curriculares e metodológicas.

Entretanto, isso não é tarefa fácil, pois segundo Scardua (2008, p. 2), para que haja inclusão escolar, é necessário comprometimento por parte de todos os envolvidos, ou seja, alunos, professores, pais, comunidade, diretor, enfim, todos que participem da vida escolar direta ou indiretamente.

De acordo com Suplino (2009, p. 2), “para que o acesso esteja garantido, torna-se necessário assegurar a permanência com qualidade”. Dessa forma, é essencial focar nos potenciais de cada aluno, é necessário que o educador transmita confiança e segurança para este, para que ele aprenda de forma significativa. Além disso, “para que haja esse ensino de qualidade é necessário currículo apropriado de modo que promova modificações organizacionais, estratégias de ensino e uso de recursos, dentre outros” (MENDES, 2002 apud BRANDE; ZANFELICE, 2012, p. 44)

Para uma criança “sem deficiência” a entrada na escola gera inúmeras expectativas. No entanto, para uma criança que possui TEA, essa tarefa torna se bem mais difícil, pois envolve interação, comunicação e comportamentos específicos, para um contexto absolutamente novo. Mas, como o TEA tem suas variações, existe uma diversidade de condutas que podem ser reveladas.

Os autistas possuem todas as variações possíveis de inteligência, mas nem todos estão aptos à “inclusão escola”, que depende de uma série de condições da escola, de seus profissionais e do comprometimento cognitivo da criança. Alguns são apresentam capacidade cognitiva acima da média se comparados aos “alunos ditos normais” e conseguem acompanhar pedagogicamente em escolas regulares.

Outros necessitam de escolas especiais, devido ao nível cognitivo comprometido por apresentar comorbidades associadas.

Santos (2008) afirma que a escola tem papel importante na investigação diagnóstica, uma vez que é o primeiro lugar de interação social da criança separada de seus familiares. É onde a criança vai ter maior dificuldade em se adaptar às regras sociais - o que é muito difícil para um autista.

O aluno com autismo encontra uma série de dificuldades ao ingressar na escola. Essas dificuldades passam a fazer parte da rotina dos professores e da escola como um todo. Uma maneira de melhorar a adaptação e, conseqüentemente, obter a diminuição dessa contingência trazida pela criança e promover sua aprendizagem é adaptar o currículo.

As adequações curriculares servem para flexibilizar e viabilizar o acesso às diretrizes estabelecidas pelo currículo regular e não possuem a intenção de desenvolver uma nova proposta curricular, mas estabelecer um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos. Isso é facilmente realizado quando há disponibilidade do profissional da sala de recurso na escola, que contribui para que sejam planejadas as ações pedagógicas e o conteúdo que o aluno deve aprender (Valle; Maia, 2010).

A flexibilização do currículo é uma forma de estabelecer o vínculo e a cumplicidade entre pais e educadores, para que, no espaço escolar, ocorra a coesão de vontades, entre educadores e família, das competências estabelecidas para a educação do aluno com autismo. Essa revolução estrutural acontece através do manejo do currículo frente aos desafios enfrentados com a vinda da criança com autismo à escola regular.

De acordo com Bosa (2002), a ausência de respostas das crianças autistas deve-se, muitas vezes, à falta de compreensão do que está sendo exigido dela, ao invés de uma atitude de isolamento e recusa proposital.

Para uma criança com traços de autismo leve toda essa rotina é facilmente desenvolvida e acompanhada, com pequenas adaptações pedagógicas. Já as crianças com autismo clássico, as adaptações são maiores, uma vez que esse aluno possui maiores dificuldades de comportamento que comprometem a socialização e a comunicação com os demais colegas e o professor.

De acordo com Valle e Maia (2010, p. 23), a adaptação curricular se define como “o conjunto de modificações que se realizam nos objetivos, conteúdos, critérios e procedimentos de avaliação, atividades e metodologia para atender as diferenças individuais dos alunos”

À medida que se conhece o TEA, se entende que alguns possuem um grau de hipersensibilidade bem elevado e isso lhe causa bastante sofrimento, pois, o que para nós é algo normal, para eles poderá parecer insuportável, como falar alto ou simplesmente tocá-lo. Por isso, na escola, os professores precisam estar atentos para esses sinais a fim de buscar diversas formas de promover a interação entre a criança com TEA e os demais da sala, propondo sempre atividades que favoreçam contato, sem forçar.

A inclusão da criança com TEA deve estar muito além da sua presença na sala de aula; deve almejar, sobretudo, a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades e potencialidades, superando as dificuldades.

A aprendizagem das crianças autistas não é fácil, contudo, fica evidente que, com dedicação e amor, estas crianças podem alcançar uma vida mais independente e com qualidade. Para que o aluno autista desenvolva suas habilidades, é necessária uma estrutura escolar eficiente, com preparo profissional de todos os envolvidos no processo educativo. Como o aluno autista tem dificuldades de se adaptar ao mundo externo, a escola deve pensar na adequação do contexto. Não existem apenas salas de aulas inclusivas, mas escolas inclusivas. Por isso, é necessário que a escola crie uma rotina de situação no tempo e no espaço como estratégias de adaptação e desenvolvimento desses alunos.

Uma forma de integrar a criança com TEA na sala é convidá-la a ajudar em pequenas tarefas (como entregar folhas de papel para as demais crianças), uma vez que, essa pequena tarefa poderá trazer grande interação com os demais. Do mesmo modo, as crianças da turma precisarão ser sempre reforçadas a respeitar e ajudar a criança com TEA, para que a mesma possa se sentir acolhida no ambiente escolar (SILVA et al, 2012, p. 81)

Na alfabetização das crianças com TEA, se faz necessário o professor e equipe da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), muita criatividade para estimular a criança e sua aprendizagem e para isso é preciso de adaptação. O uso de materiais concretos e visuais que possam ser inseridos junto à criança age como facilitador desse aprendizado. Além disso, é preciso respeitar as preferências das crianças sobre determinado assunto,

que pode estar relacionado a trens, dinossauros, aviões, entre outros. Desse modo de uma maneira interativa será possível proporcionar o aluno com TEA, “um aprendizado prazeroso e positivo” (SILVA et al, 2012, p.86).

Deve observar e incentivá-lo com entusiasmo, aproximando-se devagar e sempre com um objetivo traçado. A interação com a família é importante. Laço de companheirismo e solidariedade facilita o trabalho do educador. Muitas ideias vão surgindo quando se conhece e motiva o aluno. O processo pode parecer lento, porém, torna-se eficaz a partir de uma aula planejada e direcionada por metas e objetivos preestabelecidos.

Segundo Gauderer (1987), “as crianças com autismo, em geral, apresentam dificuldade em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas quando participam de um programa intenso de aulas parecem ocorrer mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e a aprendizagem”.

A Utilização da Terapia ABA

Segundo Bosa (2006) ABA (Applied Behavior Analysis) é uma abordagem terapêutica baseada em evidências que utiliza princípios de aprendizagem para melhorar habilidades sociais, comportamentais e de comunicação em indivíduos com autismo e outras deficiências do desenvolvimento.

A terapia ABA é personalizada para as necessidades individuais do paciente e envolve a análise de comportamento, que é o estudo científico do comportamento humano. O terapeuta ABA trabalha com o paciente em atividades estruturadas e observa como o paciente se comporta. Com base nas observações, o terapeuta ajusta as atividades para ajudar o paciente a aprender novas habilidades e comportamentos mais adequados.

A terapia ABA pode incluir reforço positivo, em que o paciente é recompensado por comportamentos desejados, e extinção, em que os comportamentos indesejados são ignorados. O objetivo final da terapia ABA é ajudar o paciente a desenvolver habilidades que possam melhorar sua qualidade de vida e permitir que ele se integre melhor na sociedade.

Os desafios de trabalhar com um aluno autista são grandes, necessitando de bastante conhecimento e preparo para seu acompanhamento. Além de formação acadêmica, a sensibilidade e a perspicácia do professor são extremamente importantes para aprender o compreender e trabalhar com o aluno autista.

Atividades que auxiliam o processo de ensino e aprendizagem que agucem a sua consciência sensorio motor, fino e grosso, como atividades que utilizem pinças, jogos com botões, garrafas pets, estimulando o toque em materiais fofos, como almofadas, entre outros. É provável que o aluno, no início de seu convívio com o professor, demonstre agressividade, desinteresse, porém, cabe ao educador criar estratégias que diminuam essas problemáticas e conduzir os conteúdos pertinentes ao seu desenvolvimento. Trabalhar com crianças com autismo é um desafio diário. O professor terá que perceber as

dificuldades, as limitações e as potencialidades, gostos e estímulos que mais o auxiliarão a atingir os objetivos com esses alunos. As atividades lúdicas são importantes para o desenvolvimento social, cognitivo, a capacidade psicomotora e afetiva da criança autista, proporcionando o prazer de aprender e se desenvolver, respeitando suas limitações, assim, “tenho a tendência em definir a atividade lúdica como aquela que propicia a “plenitude da experiência”, (Luckesi, 2005, p. 27).

O professor deve desenvolver metodologias de aprendizagem para que o aluno autista consiga se comunicar e se desenvolver. O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu desenvolvimento e potencial, de acordo com a sua idade e de acordo com o seu interesse; o ensino é o principal objetivo a ser alcançado, e sua continuidade é muito importante, para que elas se tornem independentes. Trabalhar com alunos autistas exige o desenvolvimento de práticas e estratégias pedagógicas que acolham todos e respeitem as diferenças. “A incapacidade de desenvolver um relacionamento interpessoal se mostra na falta de resposta ao contato humano e no interesse pelas pessoas, associada a uma falha no desenvolvimento do comportamento normal, de ligação ou contato. Na infância, estas deficiências se manifestam por uma inadequação no modo de se aproximar, falta de contato visual e de resposta facial, indiferença ou aversão a afeto e contato físico” (Gauderer, 2011, p. 14). Este comportamento, muitas vezes, pode não ser compreendido pela comunidade escolar.

O professor deve ter consciência que para a concretização da aprendizagem significativa por parte da criança autista é importante a mudança de suas crenças e atitudes, pois toda criança é capaz de aprender basta um olhar reflexivo para quais habilidades esta possui, assim é possível focar em suas aptidões

Além disso, é importante que a criança autista interaja com outras crianças, pois, de acordo com Camargo e Bosa (2009, p. 67), “para ultrapassar os déficits sociais dessas crianças, é preciso possibilitar o alargamento progressivo das experiências socializadoras, permitindo o desenvolvimento de novos conhecimentos e comportamentos”. As autoras ainda enfatizam que proporcionar às crianças com autismo de conviver com outras da mesma faixa etária, possibilita o estímulo a suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Além disso, o convívio de uma criança autista no ensino regular irá favorecer o seu desenvolvimento e de seus pares. Porém, as autoras alertam que:

Quando não há ambiente apropriado e condições adequadas à inclusão, a possibilidade de ganhos no desenvolvimento cede lugar ao prejuízo para todas as crianças. Isso aponta para a necessidade de reestruturação geral do sistema social e escolar para que a inclusão se efetive (CAMARGO; BOSA, 2009, p. 70).

Lopes e Pavelacki (2005, p. 3) ressaltam que além das técnicas que deve-se utilizar em sala, a rotina diária é muito importante na educação do autista, a qual não deve ser alterada, pois qualquer mudança pode refletir no comportamento da criança. Gikovate

(2009, p. 15), ressalta que para haver realmente uma inclusão escolar da criança com autismo é importante levar em consideração qual a necessidade desta, a partir disso deve-se fazer as adaptações na sala de aula.

Dessa forma é importante que o autista se sinta próximo ao professor, que o professor peça para a turma cuidados com barulhos ou sons específicos, muitas vezes irritantes para o autista e que a criança tenha acesso a dicas do que acontecerá no dia-a-dia através de informação visual.

Formação do Educador e O Transtorno do Espectro Autista: fundamentos teóricos

A escola é o lugar onde a criança vai aprender a desenvolver o sistema psicomotor com o auxílio de um professor, percebe-se assim, a necessidade de a mesma possuir infraestrutura e professores qualificados para que estes possam desenvolver suas atividades de uma forma que as crianças passem a observar o “novo” assimilando os conteúdos e práticas de uma forma que possibilite o desenvolvimento do seu intelecto assim como de sua motricidade. (FONSECA, 1996).

Isso porque a ausência de acompanhamento no desenvolvimento psicomotor possivelmente causa danos no aprendizado, fato que prejudica todo um processo, onde as etapas devem ser seguidas para que no futuro dificuldades não possam aparecer retardando assim o aprendizado. Criando adultos com dificuldades sérias de aprendizagem, ou seja, ensinar crianças da forma correta e no tempo certo pode transformar sociedades, o que é bem visível nos dias de hoje, onde sociedades são consideradas desenvolvidas e outras subdesenvolvidas, e estas questões estão diretamente ligadas ao ensino, demonstrando a importância do mesmo para o início de uma nova sociedade.

Observa-se, desta forma, a importância que deve ser dada ao ensino da criança. Não se pode pensar somente em preencher o tempo delas com atividades rotineiras.

Fazendo assim, iam-se formar futuros alunos problemáticos, demonstrando o quanto é fundamental o papel do educador no âmbito escolar, é ele o responsável em observar, analisar e oferecer soluções a partir de seu conhecimento adquirido ao longo de sua carreira, demonstrando sempre sua aptidão para o novo, transformando a escola num local de oportunidades e não como um passatempo ou atividade sem planejamento e fundamento pedagógico.

Os planejamentos são realizados a cada semana. Não existe nessas escolas, sequer uma área de lazer específica para as crianças poderem aproveitarem melhor esse tempo livre, o que demonstra um espaço minimizado impossibilitando o desenvolvimento psicomotor de seus alunos, apresentando, assim, uma grande deficiência para cumprir com seu papel de proporcionar o crescimento intelectual associado ao físico, podendo comprometer o futuro dos mesmos.

Segundo Lopes (2010), estudando as estruturas cognitivas, descreveu a importância do período sensório-motor e da motricidade, principalmente antes da aquisição da linguagem, no desenvolvimento da inteligência. O desenvolvimento mental se constrói, paulatinamente; é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua, de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior.

Percebe-se a importância dada aos primeiros anos de vida de uma criança, onde o autor destaca que mesmo antes do desenvolvimento da linguagem a criança já está desenvolvendo o seu cognitivo, ou seja, dar-se início ao aprendizado desde muito cedo, onde os resultados são obtidos progressivamente ao longo dos anos, passando como bem destaca o autor de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio maior.

Para um desenvolvimento pedagógico inclusivo ser bem consolidado são necessários alguns jogos ou brincadeiras, que é deste modo que as crianças aprendem, são eles: jogos de alinhavo; circuitos em forma de círculos ou outras formas geométricas, utilizando giz branco e fita adesiva para demarcar o chão e assim a criança ter a noção de espaço; o circuito na utilização de pneus ou outros materiais disponíveis na escola. (LOPES apud HARROW, 1972).

Através de trabalhos que estimulem os movimentos da criança, explorando os músculos, a criança começa a manusear o lápis, saber a direção e o limite espacial da folha, escrever o próprio nome na sequência correta. Já que a vida moderna proporciona às crianças um excesso de inatividade em todas as idades, que no geral vem provocando cada vez mais, maiores dificuldades não só na aprendizagem como também na realização de movimentos simples; causando rigidez, má postura, tensões musculares entre outras.

Os benefícios são muitos quando a criança é estimulada a desenvolver atividades em especial no que tange a escrita e leitura geralmente se observa que essas crianças apresentam um grau mais elevado na leitura e escrita nas escolas.

Por isso é preciso todo um cuidado a ser desenvolvidas atividades para que a criança possa submergir com o auxílio de estimulação e focalizando, sobretudo as oscilações que é onde ocorrerá a excitação do próprio corpo. Segundo Lopes:

Estudando as estruturas cognitivas, descreveu a importância do período sensório-motor e da motricidade, principalmente antes da aquisição da linguagem, no desenvolvimento da inteligência. O desenvolvimento mental se constrói, paulatinamente; é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua, de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior. (LOPES, 1987, p.52).

No estágio sensório-motor a criança vive num mundo aqui e agora, pois não é possível haver a representação mental. Para a criança os objetos só existem concretamente, se ela não sentir ou tocar eles não existem. De acordo com Lefrançois (2008, p. 250) “sugar o dedo é uma reação primária circular no sentido de que a atividade de sugar produz sensações que levam a criança a repetir a atividade”.

Portanto é assim que o estágio sensório-motor observa a organização de atividades independentes, a progresso da linguagem, se as crianças não alcançarem quais os resultados das suas atividades, elas não alcançam tencionar esses efeitos. Assim como enfatizam De Meur e Staes:

Sendo que o desenvolvimento infantil envolve o desenvolvimento funcional do corpo e suas partes, fazendo o trabalho da psicomotricidade com o auxílio de exercícios e brincadeiras ocorrerão à maturidade de dentro para fora da criança no proceder de sua maturação.

CONCLUSÃO

Cabe aos profissionais de educação, observar e ter um olhar mais apurado do comportamento e desenvolvimento da criança autista para que seja estimulado precocemente, assim, contribuindo para sua evolução e o seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo e afetivo, uma vez que a psicomotricidade está atrelada ao processo de maturação, tanto orgânica como cognitiva. O atraso no desenvolvimento significa que não ocorreu maturação. Sendo assim, a criança não desempenha habilidades como correr, falar, andar e brincar.

Partindo da percepção que os problemas psicomotores estão ligados aos problemas cognitivos e afetivos, faz-se necessário que todas as pessoas envolvidas tenham ciência da necessidade que a intervenção psicomotora pode contribuir para o aprendizado da criança autista.

REFERÊNCIAS

BOSA, C. A. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.15, n.1, p.77-88, 2006.

BRAZ, F. S.; SALOMÃO, N. M. R. A fala dirigida a meninos e a meninas: um estudo sobre o input materno e suas variações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.15, n.2, p.333-344, 2002.

DOCKRELL, Julie & MCSHANE, John. Crianças com dificuldades de aprendizagem: uma abordagem cognitiva. Tradução Andrea Negreda. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERNANDES, Rosely Aparecida; PENNA, James dos Santos. Contribuições da Psicopedagogia na Alfabetização dos Dislexos. 2008. *Revista Terceiro Setor*. KIRK, Samuel & GALLAGHER, James J. Educação da criança excepcional. Tradução Marília Zanella Sanvicente. 3ed. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1996.

KLIN A, Pauls D, Schultz R, Volkmar F. Three diagnostic approaches to Asperger syndrome: implications for research. *J Autism Dev Disord*. 2005;35(2):221-34.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias. Inclusão de Crianças Autistas: um Estudo sobre Interações Sociais no Contexto Escolar. *Rev. Bras. Ed. Esp., Marília*, v. 20, n. 1, p. 117-130, Jan.-Mar., 2014.

SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.29, n.1, p.116-131, 2009.